

Carlos Torres Gonçalves e o sexo altruísta: a conversão feminina à Religião da Humanidade em Porto Alegre no início do século XX

Paulo Ricardo Pezat *

Resumo. O engenheiro civil Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) foi um dos mais importantes positivistas religiosos do Rio Grande do Sul e do Brasil ao longo do século XX, sendo o principal responsável pela construção da Capela Positivista de Porto Alegre. Na sua trajetória como propagandista da Igreja Positivista do Brasil e como funcionário da Secretaria Estadual das Obras Públicas – onde foi o responsável pela implementação da política fundiária do Rio Grande do Sul por duas décadas –, Torres Gonçalves procurou direcionar sua ação de acordo com os preceitos que Auguste Comte estabeleceu sob a “angélica inspiração” de Clotilde de Vaux. Mas não foi apenas na esfera pública de sua vida que Torres Gonçalves procurou aplicar os preceitos positivistas. Também em sua vida privada ele fez tal tentativa, vivenciando o positivismo de forma visceral. Para isto, foi fundamental a constituição de uma família positivista, o que ele consolidou com as conversões à Religião da Humanidade de seus três “anjos da guarda”, isto é, de sua noiva e depois esposa, Dagmar, de sua filha, Sofia Mariana, e de sua mãe, Virgínia. Algumas cartas trocadas entre os membros da família Torres Gonçalves durante as três primeiras décadas do século XX permitem vislumbrar um pouco desse universo particular.

Palavras-chave: Cartas. Positivismo. Sexualidade.

* Professor djunto do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: pezat@terra.com.br

Durante as primeiras décadas do século XX, desenvolveu-se em Porto Alegre uma rara tentativa de formação de uma família de acordo com os preceitos estabelecidos por Auguste Comte (1798-1857) no *Catecismo Positivista*.¹ O objetivo do artigo é acompanhar a trajetória desse ideário positivista desde sua gênese parisiense até sua recepção, no Rio Grande do Sul, por Carlos Torres Gonçalves (1875-1974), com a mediação feita no Rio de Janeiro por Miguel Lemos e por Teixeira Mendes, diretores da Igreja Positivista do Brasil (IPB) e apóstolos da Religião da Humanidade. Portanto, o estudo aqui proposto trabalha no campo da produção, difusão e recepção de idéias, levando em consideração a disparidade dos meios sociais envolvidos em tais processos e as distintas cronologias dos acontecimentos.²

Antes de analisar a forma como Torres Gonçalves fez a recepção do ideário comtiano, procurando aplicá-lo tanto em sua vida familiar – através da doutrinação positivista de sua noiva e depois esposa, de sua filha e de sua mãe – como nas suas atividades públicas enquanto engenheiro, funcionário público estadual, distribuidor das publicações da IPB e propagandista da Religião da Humanidade, cabe observar com mais vagar a elaboração dessa matriz de pensamento.

No *Catecismo Positivista*, ao estabelecer as bases da Religião da Humanidade e erigir a mulher como anjo tutelar do homem e salvaguarda moral da espécie, Auguste Comte concebe o casamento e a instituição da família como essenciais à regeneração humana. Após aconselhar o casamento casto “aos casais incapazes de concorrerem dignamente para a propagação da espécie humana” – em conformidade com “a teoria positiva da união conjugal em que as relações sexuais não são diretamente necessárias” –, de indicar que a mulher deve abrir mão de dotes e de heranças e de apontar o sustento material da esposa como uma obrigação do marido, Comte também sugere a adoção pelos casais do voto de “vivez eterna”, impedindo assim a “poligamia subjetiva”. Passando a tratar das condições necessárias a um casamento positivista,

o pensador sugeriu que a idade ideal para o matrimônio seria de 28 anos para o homem e de 21 anos para a mulher (Comte, 1934, p. 135 e 337-344).

Cabe destacar que a vivência pessoal de Comte esteve muito afastada desse modelo idealizado. Aos vinte anos, alguns anos depois de chegar a Paris vindo de Montpellier, Comte tornou-se pai de Louise, menina de curta existência, fruto de relacionamento com uma mulher casada chamada Pauline.³ Em 1824 Comte passou a viver junto com Caroline Massin, jovem moça que conhecera alguns anos antes, quando ela se prostituía nos jardins do Palais Royal. Este relacionamento, com idas e vindas, durou até 1842, quando se separaram definitivamente, mesmo permanecendo legalmente casados.⁴ Pouco depois, em 1844, Auguste Comte conheceu Clotilde de Vaux, mulher na casa dos trinta anos que tinha sido abandonada pelo marido quando este deu um desfalque no erário público. Após um intenso convívio de pouco mais de um ano – durante o qual Comte teve o seu pedido de casamento recusado por Clotilde –, a musa do filósofo morreu, sendo isso determinante para que o mesmo conferisse uma feição religiosa ao positivismo em seus últimos anos de vida.⁵

Depois da “transformação subjetiva” de Clotilde de Vaux, em 5 de abril de 1846, Comte dedicou-se à construção da Religião da Humanidade, concebida como uma forma de homenagear sua inspiradora e como um meio de atrair as mulheres e os proletários para a religião positivista. No dia 17 do mesmo mês, Comte instituiu as orações de seu culto íntimo consagrado à memória de Clotilde, passando a dedicar duas horas diárias a tais efusões. Procurando institucionalizar a doutrina, Comte fundou em 1848 a Sociedade Positivista, uma associação livre que visava promover “a instrução positiva do povo de todo o Ocidente europeu”. Naquele mesmo ano, publicou o *Discours sur l'ensemble du positivisme*, refletindo o contexto revolucionário através do qual a França definitivamente abandonava o regime monárquico e em que as idéias republicanas e

revolucionárias se difundiam pelo continente europeu, motivando Marx e Engels a escreverem o *Manifesto Comunista*, igualmente tentando atrair o proletariado para suas idéias.

Comte criou a Sociedade Positivista como uma entidade política de estudo e de apreciação da vida pública, propondo ajuda para a construção de uma República ordenada, pacífica e progressista, assim superando a “anarquia” decorrente do esgotamento das doutrinas teológicas e metafísicas, de acordo com sua filosofia da história e com a “lei dos três estados”. O anúncio da criação da religião positivista foi precedido, em 1849, pelo lançamento do “calendário positivista” e pela criação da “biblioteca positivista”. Em 1850, Comte instituiu o “subsídio positivista”, visto que havia abandonado suas funções na Escola Politécnica de Paris⁶ com o intuito de se dedicar integralmente à reflexão, à escrita e à propaganda positivista. Também instituiu um fundo tipográfico para promover a edição de seus livros e de suas circulares. De outra parte, o recrutamento de adeptos para a Sociedade Positivista foi constantemente filtrado por Comte, que avocou a si a função de julgar a atitude intelectual e moral, bem como aspectos da vida pública e da vida privada, daqueles que solicitavam ingresso na entidade, assim procurando criar um “núcleo regenerado” que servisse de exemplo ao conjunto da sociedade.

Com base nas contribuições financeiras recebidas de várias partes da Europa para continuar sua atividade proselitista, Comte publicou entre 1851 e 1854 os quatro volumes do *Système de politique positive ou traité de sociologie instituant la Religion de l'Humanité*, nos quais procurou conferir bases racionais e científicas para a religião positivista, além do *Catéchisme positiviste*, em 1852, voltado essencialmente para a conversão das mulheres, preferencialmente das menos afortunadas.

Alçando-se à condição de sacerdote da Religião da Humanidade, Comte estabeleceu uma série de nove sacramentos que marcariam o decorrer da vida de um positivista ortodoxo.⁷ Nesse contexto,

Comte também aprofundou o caráter pedagógico de sua obra, continuando a ministrar cursos gratuitos de astronomia para os proletários parisienses (atividade que manteve ininterruptamente por mais de um quarto de século) e também desenvolvendo uma intensa atividade de elaboração de prescrições, expostas com minúcias, para se atingir o “estado normal”, isto é, a plena sociedade positivista. De forma estratégica, o pensador voltou sua atenção particularmente para a conversão feminina e proletária ao positivismo.⁸ Dentre outros aforismos, Comte criou aquele que estabelecia que o “homem deve nutrir a mulher”. Também estabeleceu que todo homem tem três anjos da guarda: a mãe, a esposa e a filha, representando respectivamente o passado, o presente e o futuro da humanidade. Ainda em 1848, o filósofo começou a realizar as cerimônias positivistas e a conferir os sacramentos, sendo que daí até o ano de sua morte, em 1857, consagrou quatro casamentos.⁹

Entretanto, nenhum destes casamentos satisfazia plenamente as condições ideais sugeridas por Comte no *Catecismo Positivista*, ou seja, que os noivos fossem adeptos da Religião da Humanidade e tivessem condutas públicas e privadas de acordo com os preceitos estabelecidos, que o noivo tivesse 28 anos e a noiva 21 anos e que esta renunciasse a dotes e heranças, sendo um dever do marido sustentar a esposa. Principalmente no aspecto formal da idade havia discrepâncias em relação ao ideal de Auguste Comte. Além disso, dois dos casais antes haviam oficializado a união diante do clero católico. Desse modo, apesar de notáveis e de terem sido consagradas pelo próprio Comte, as tentativas de estruturação de famílias positivistas na França foram poucas e heterodoxas (Cf. Wartelle, 2001, p. 103-106).

A Religião da Humanidade se difundiu no Brasil de forma estruturada a partir de 1876, quando foi criada a Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, instituição de caráter heterodoxo que reunia alguns indivíduos que aceitavam o positivismo apenas enquanto método científico, outros que aderiram também ao projeto político

republicano e ditatorial e alguns poucos que aceitavam também a sua vertente religiosa. Mas a influência do positivismo ortodoxo no país ganhou impulso com a conversão à Religião da Humanidade de Miguel Lemos e de Raimundo Teixeira Mendes, ocorrida em Paris no ano de 1880.¹⁰ De volta ao Rio de Janeiro, em 11 de maio de 1881, Lemos fundou a Igreja Positivista do Brasil (IPB), tornando-se “apóstolo” da Religião da Humanidade. Ao lado de uma intensa produção escrita veiculada em artigos de jornal e em folhetos editados pela IPB, através da qual procuravam interferir nos debates públicos, Miguel Lemos e Teixeira Mendes preocuparam-se também em formar um núcleo orgânico de adeptos do pensamento de Comte, para isto sendo fundamental a criação de famílias positivistas.

Ainda no ano de 1881, Teixeira Mendes publicou um folheto acerca do *Culto positivista no Brasil – indicação das primeiras celebrações positivistas no Rio de Janeiro*, no qual fez referência à admissão do engenheiro José Mariano de Oliveira como primeiro adepto da IPB e ao casamento de Miguel Lemos com Albertina Torres de Carvalho. No ano seguinte, o próprio Teixeira Mendes casou-se com Ernestina Torres de Carvalho, irmã de Albertina, de modo que os dois apóstolos da IPB se tornaram concunhados, conferindo assim um caráter notadamente familiar ao núcleo em torno do qual se estruturou a propaganda da Religião da Humanidade no Brasil. Pouco depois ocorreu o casamento do confrade José Mariano de Oliveira com Elvira Torres de Carvalho, irmã de Albertina e de Ernestina, reforçando ainda mais a tendência endogâmica verificada entre os positivistas ortodoxos.

Além da preocupação com a constituição de famílias modelares para o conjunto do movimento positivista e da sociedade, Miguel Lemos e Teixeira Mendes também escreveram diversos textos – veiculados em artigos de jornal e em folhetos editados pela IPB – em que a mulher e a família estiveram no centro das reflexões.

Nesse sentido, em maio de 1884 Miguel Lemos tornou pública uma carta que escreveu ao Conselheiro Antunes Maciel, ministro

do Império que havia elaborado um projeto de lei para a regulamentação do casamento civil, visto que o reconhecimento apenas dos casamentos consagrados pela Igreja Católica acabava desestimulando a imigração para o Brasil de colonos europeus que professavam outras religiões. Em sua argumentação, o apóstolo positivista lembrou que o casamento, no entender daqueles que seguiam os ensinamentos de Auguste Comte, não era meramente um contrato, mas um laço que tinha por finalidade promover a organização moral da natureza humana, assim opondo-se a qualquer iniciativa que atentasse contra sua indissolubilidade (Cf. Lemos, 1884, p. 3-6). No ano seguinte, Miguel Lemos também publicizou uma carta que escreveu ao bispo de Olinda, parabenizando-o pela decisão de consagrar o casamento envolvendo um noivo positivista e uma noiva católica, diferentemente do que havia feito o arcebispo do Rio de Janeiro algum tempo antes (Cf. Lemos, 1885, p. 1-3).

Em 1890, no projeto de constituição que elaboraram visando influenciar os debates desenvolvidos no âmbito da Assembléia Nacional Constituinte Republicana, Miguel Lemos e Teixeira Mendes estabeleceram que “a organização da família basear-se-á na monogamia, havendo para sancioná-la a instituição civil do casamento independente de qualquer cerimônia religiosa, podendo esta ser consecutiva ou anterior àquela, conforme a vontade dos cidadãos”. De acordo com os preceitos positivistas, o casamento seria indissolúvel, salvo no caso de delinquência, condenação legal e infâmia de uma das partes, o que tornaria possível a dissolução legal do casamento, mas não a realização de novo matrimônio por qualquer das partes (Lemos e Mendes, 1890, p. 13-15). A constituição republicana de 24 de fevereiro de 1891 estabeleceu o casamento civil e a indissolubilidade do casamento como princípios, mas não por influência específica dos positivistas ortodoxos brasileiros. De outra parte, nos anos seguintes Miguel Lemos e Teixeira Mendes publicaram diversos outros folhetos em que se manifestaram acerca de temas envolvendo a situação da família e da mulher.¹¹

No que diz respeito ao grau de ortodoxia alcançado pelos casamentos de Miguel Lemos, Teixeira Mendes e José Mariano de Oliveira com as irmãs Albertina, Ernestina e Elvira Torres de Carvalho, relativamente à idealização feita por Comte, cabe ressaltar que em nenhum dos casos ambos os noivos contavam com a idade prescrita pelo criador da Religião da Humanidade, embora tal aspecto formal não apresente relevância tão grande diante de outras questões. De fato, as famílias desses positivistas religiosos constituíram-se em grande parte de acordo com os preceitos comtianos. Dentre os aspectos em que tal influência pode ser percebida com nitidez está a educação proletária conferida aos filhos pelos apóstolos e pelo primeiro confrade da IPB. Cabe ressaltar que o projeto dos diretores e adeptos da IPB de se tornarem hegemônicos dentro do movimento positivista brasileiro obrigava-os a conferir um caráter de exemplaridade tanto aos aspectos públicos, como aos aspectos privados de suas existências (Cf. Alonso, 1996, p. 109-113).

A vigilância por vezes exagerada que os diretores da ortodoxia positivista brasileira estabeleciam sobre aspectos públicos e privados da vida dos confrades, dos correligionários e dos simpatizantes da doutrina, bem como sobre as ações dos homens públicos, fazia com que poucas pessoas buscassem aderir formalmente à Igreja Positivista do Brasil. Um desses raros indivíduos que se filiou à direção espiritual de Miguel Lemos e de Teixeira Mendes, vistos como legítimos intérpretes dos ensinamentos de Auguste Comte, foi Carlos Torres Gonçalves.

Carlos Torres Gonçalves nasceu em 30 de junho de 1875, na cidade portuária de Rio Grande, na região meridional do Rio Grande do Sul. Seu pai era um comerciante de origem portuguesa, enquanto que sua mãe pertencia a uma das famílias mais antigas da região, dispondo de terras e de estabelecimentos comerciais. Em 1886, ocorreu o suicídio paterno,¹² fazendo com que a viúva seguisse com os cinco filhos – todos do sexo masculino – para São Leopoldo, onde os internou no Colégio Nossa Senhora da Conceição, mantido pelos jesuítas. Desse modo, o catolicismo esteve na base da formação

cultural de Torres Gonçalves, graças à influência materna e aos estabelecimentos de ensino onde aprendeu as primeiras letras.¹³

Tudo indica que a recepção do positivismo por Carlos Torres Gonçalves tenha se dado por influência recebida de dois de seus irmãos mais velhos – Joaquim e Luís – que, depois de concluírem os estudos entre os jesuítas de São Leopoldo, seguiram para o Rio de Janeiro, onde foram alunos da Escola Militar, um dos principais centros de difusão do ideário positivista no Brasil. Mais tarde, nos anos iniciais da República, esses dois irmãos aproximaram-se de Demétrio Ribeiro, acompanhando-o na dissidência republicana que uniu-se aos revoltosos federalistas liderados por Silveira Martins contra Júlio de Castilhos e o Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Expulsos do Exército por deserção e derrotados politicamente, os dois irmãos seguiram para o exílio em Buenos Aires, acompanhados por Virgínia, a mãe.¹⁴ Por sua vez, Carlos seguiu para Ouro Preto, onde iniciou os estudos de engenharia de minas, logo suspensos. No princípio de 1895, enquanto o Rio Grande do Sul ainda permanecia em guerra civil, Carlos Torres Gonçalves chegou ao Rio de Janeiro, onde passou a estudar engenharia civil na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a mesma onde Miguel Lemos e Teixeira Mendes haviam estudado duas décadas antes. Já conhecedor dos princípios gerais do pensamento de Auguste Comte, não demorou para que Carlos Torres Gonçalves se aproximasse dos seguidores da vertente religiosa do positivismo comtiano. Em 1896, pouco depois da morte de Joaquim, atribuído por Carlos ao revolucionarismo que teria minado o espírito de seu irmão, o jovem estudante de engenharia passou a freqüentar o Templo da Humanidade do Rio de Janeiro, levado por seu amigo e colega Crizanto Pinto. Em pouco tempo, sob a influência das prédicas proferidas por Teixeira Mendes, Torres Gonçalves converteu-se à Religião da Humanidade, embora não tivesse aderido de imediato à IPB.

De volta ao Rio Grande do Sul desde o princípio de 1899, não tardou para que o engenheiro civil Carlos Torres Gonçalves se tornasse

funcionário público estadual, atuando na Secretaria de Obras Públicas. De imediato, começou uma intensa correspondência com Miguel Lemos e com Teixeira Mendes.¹⁵ Aliás, cabe destacar que Torres Gonçalves foi um missivista entusiasmado, traço que transparece em suas ações como adepto da Religião da Humanidade, como funcionário público estadual e como integrante de uma estrutura familiar. Nesse sentido, em 6 de dezembro de 1901 Carlos Torres Gonçalves escreveu uma carta a Corina Flores manifestando interesse em casar com sua neta, Dagmar.

Dagmar Flores Pereira da Cunha nasceu em Porto Alegre, no dia 29 de março de 1882, filha do juiz da comarca de Porto Alegre Edmundo Palmeiro Pereira da Cunha e de Mariana Barreto Flores, tendo entre seus ancestrais alguns dos pioneiros da ocupação lusitana do território do Rio Grande do Sul. Dagmar perdeu a mãe em 1886, quando contava com quatro anos, sendo que seu pai faleceu no ano seguinte, de modo que a menina e seus irmãos passaram a ser criados pela avó materna, Corina, viúva do médico Luiz da Silva Flores, conhecido na Porto Alegre do final do século XIX como Dr. Flores, que emprestava o nome à rua onde a família morava, no centro da cidade.

Na aludida carta de 6 de dezembro de 1901, o jovem engenheiro esclareceu a avó de sua futura esposa acerca de sua crença religiosa e do significado que o casamento tinha para os positivistas, razão pela qual a aprovação da avó e da mãe dos noivos era importante:

Para mim, o passo que ora dou tem uma significação profundamente religiosa. Adepto do Positivismo, a doutrina em que procuro inspirações para todos os atos de minha vida, dele aprendi as santas reações morais que se deve esperar do laço preliminar para o qual peço, neste momento, a aprovação vossa e a de minha Mãe; isto é, daquelas que, para D.^a Dagmar e para mim, são, respectivamente, as melhores personificações do Ser Supremo. Animado para com essa abençoada religião, a que tantos e tão grandes benefícios devo, de uma gratidão sem limites, aceito e procuro preencher, na medida das minhas forças, todos os deveres, positivos e negativos, que ela prescreve aos seus aderentes.

Cabe ressaltar que a própria forma como Torres Gonçalves redigia era indicativa de suas opções religiosas, o que o levava a grafar com letra maiúscula os graus femininos de parentesco, evidenciando o papel de providência moral da espécie que Comte atribuía às mulheres, colocando-as em um plano superior em relação ao homem. Note-se que, ao dizer que aceitava as prescrições positivas e negativas impostas pela Religião da Humanidade, Torres Gonçalves deixava subjacente sua submissão não apenas a Comte, mas também aos apóstolos positivistas brasileiros Miguel Lemos e Teixeira Mendes, entendidos por ele como legítimos intérpretes do pensamento do filósofo francês.

Adiante, na mesma carta à avó de sua noiva, Torres Gonçalves esclareceu a razão pela qual o casamento com Dagmar teria de esperar quase dois anos ainda para se consumar:

[...] dado o ponto de vista em que me acho hoje colocado, da mais completa subordinação aos sagrados ensinamentos da Religião da Humanidade, grandes são os deveres que tenho a cumprir, e parece-me, pois, que, num momento como este, tão decisivo para o futuro de duas famílias que se virão assim a fundir numa pelo intermédio do principal sacramento social, vos devia a expressão das minhas disposições e dos meus votos. E é ainda dessa atitude que decorre, como consequência, a obrigação em que me acho, por mim e principalmente por D.^a Dagmar, de aguardar, em observância a uma prescrição positivista, que completemos respectivamente 21 e 28 anos para realizarmos o nosso casamento.

Não é possível afirmar com certeza se a diferença de sete anos existente entre Torres Gonçalves e Dagmar foi mera coincidência ou se o engenheiro deliberadamente buscou uma noiva com a idade apropriada para realizar um casamento positivista ideal, tal como concebido por Comte, embora esta segunda hipótese seja bastante plausível.

De qualquer forma, à espera da passagem do tempo para poder concretizar o casamento, Torres Gonçalves explicou à avó de sua noiva a importância daquele período para o aperfeiçoamento religioso dos nubentes, o que implicava o início da doutrinação positivista da noiva.

A elevação moral de vossa Família [...] me consente formar os mais ardentes votos e ao mesmo tempo nutrir as melhores esperanças de que este laço preliminar seja fecundo em progressos religiosos para D.^a Dagmar e para mim, preparando-me para o laço definitivo, o casamento, e tornando-nos assim cada vez mais aptos para o serviço da Família, da Pátria e da Humanidade.

É bastante emblemática a frase final, indicando que o jovem casal se colocaria ao serviço da família, da pátria e da humanidade (com iniciais maiúsculas, refletindo a importância conferida a tais instituições), de modo que o casamento não buscaria a mera felicidade individual ou conjugal, mas procuraria contribuir para o aprimoramento da sociedade em seus diversos níveis.

De outra parte, nas cartas que escreveu aos apóstolos da IPB nos anos iniciais do século XX, além de tratar de assuntos relacionados com a propaganda da Religião da Humanidade em Porto Alegre, com a distribuição das publicações da IPB, com suas atividades profissionais no âmbito da máquina administrativa do governo estadual¹⁷ e de acompanhar com atenção as ações dos líderes do PRR, a preocupação de Torres Gonçalves com os preparativos de seu casamento logo despontou como um dos temas recorrentes.

Assim, em dezembro de 1901, poucos dias após ter escrito a Corina Flores para pedir a mão de sua neta, Carlos Torres Gonçalves escreveu a Miguel Lemos para tratar de seu futuro casamento e de sua intenção de entrar formalmente para a Igreja Positivista do Brasil:

Paulo Ricardo Pezat

[...] hoje, apesar das minhas muitas imperfeições, não obstante o sentimento das grandes responsabilidades e de todos os minuciosos deveres a que está obrigado um membro da nossa Igreja, amparado pelo apoio dos meus Chefes e correligionários, sob a ação do influxo moralizador de minha Noiva e de minha Mãe, venho trazer-vos o meu pedido formal de entrada para a nossa Igreja.¹⁸



A referência de Torres Gonçalves à influência regeneradora de sua noiva e de sua mãe estava plenamente de acordo com a teoria cerebral de Auguste Comte, para quem o cérebro humano estaria dividido em três zonas: afetiva, ativa e especulativa. No entender do pensador francês, o sexo feminino apresentaria a zona afetiva mais desenvolvida, enquanto que o sexo masculino teria as capacidades de especulação e de ação mais salientes, depreendendo-se daí uma maior vocação das mulheres para as atividades domésticas, e do homem, para as atividades intelectuais e laborais (Cf. Petit e Bensaude, 1976, p. 294).

Naquela mesma carta em que solicitou seu ingresso na IPB, Torres Gonçalves procurou explicar a Miguel Lemos o significado que a religião fundada por Auguste Comte sob a inspiração de Clotilde de Vaux assumira em sua vida:

[...] eu sinto também que a rota da minha futura existência objetiva está definitivamente traçada, quaisquer que sejam os desvios acidentais e secundários que ela possa vir a sofrer. Só no Positivismo pude encontrar satisfações para as minhas aspirações de felicidade, e grandes, inestimáveis, são os serviços que a ele devo, como só inspirado por ele, sinto-o bem, conseguirei continuar experimentando, e cada vez mais, a felicidade relativa que hoje se pode gozar, e cuja fonte primordial reside, antes de tudo, nos *prazeres da dedicação*, conforme os generosos votos da Incomparável Inspiradora de nosso Mestre.

Nessa passagem fica evidente que a adesão de Torres Gonçalves à IPB inseria-se num projeto de vida longamente meditado, não sendo inteiramente impossível que os constantes cálculos matemáticos que, por dever de ofício, realizava cotidianamente, tenham influenciado no planejamento meticuloso de sua posterior trajetória enquanto esposo, pai de família, funcionário público e propagandista da Religião da Humanidade.

A partir dessa arraigada convicção íntima de fé na religião da Humanidade, Torres Gonçalves acrescentou as seguintes palavras a Miguel Lemos na carta que lhe endereçou em 28 de fevereiro de 1903:

[...] vos prometo perante a imagem da Humanidade, pelos sofrimentos e a glória de nossos santíssimos Pais Espirituais, pela memória dos meus mortos queridos, presentes na lembrança dos entes a quem mais amo, empenhar todos os meus esforços para conduzir-me sempre e em todos os atos de minha vida como um digno membro da Igreja Brasileira, e como um filho humilde, mas sincero e devotado, de Clotilde e de Augusto Comte.

O trecho acima é extremamente significativo, pois assinala a fusão da família biológica de Torres Gonçalves com sua família ideológica, reunida em torno das figuras de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux, transubstanciados em seus “pais espirituais”. Por outro lado, Torres Gonçalves explicita seu propósito de adequar todos os aspectos de sua existência às normas concebidas pelo fundador da filosofia positivista, concluindo com a promessa de inteira e eterna subordinação aos apóstolos Miguel Lemos e Teixeira Mendes, lembrando ainda que era graças a eles que se sentia “hoje restituído ao serviço para o qual todos somos consagrados ao nascer – o serviço da Família, da Pátria e da Humanidade”.

Carlos Torres Gonçalves foi admitido como confrade da IPB através de circular enviada por Miguel Lemos aos demais integrantes daquela agremiação religiosa em 10 de maio de 1903. Essa

admissão teve um caráter especial, pois ocorreu na véspera do afastamento de Miguel Lemos da direção da IPB, ocorrida em 11 de maio de 1903, exatamente 22 anos após a data em que ele fundara a instituição. De acordo com o estatuto da IPB, cabia exclusivamente ao seu diretor a admissão de novos membros naquela confraria religiosa.¹⁹ Durante o período em que esteve à frente dos positivistas religiosos brasileiros, antes de se afastar por motivos de saúde, Miguel Lemos admitiu apenas algumas poucas dezenas de confrades na IPB, que em nenhum momento de sua história contou com mais de cem adeptos orgânicos.²⁰

Aceito nos quadros da IPB, Carlos Torres Gonçalves pôde dar andamento ao projeto de realizar seu casamento positivista com Dagmar Flores Pereira da Cunha. Nesse sentido, uma carta por ele enviada à noiva em 3 de maio de 1903, quando se encontrava na região serrana do Rio Grande do Sul, envolvido com a construção de uma estrada, revelou a circulação da literatura positivista entre ambos:

Dos livros que trouxe, por falta de tempo, só tenho lido *O ano sem par*. E a leitura desse livro inexcelsável tem para mim mais uma virtude, privilégio do exemplar que trouxe e que esteve há cerca de um ano em tuas mãos, conservando ainda bem pronunciado o perfume da gaveta em que o guardavas. Essa santa leitura, tão apta a despertar-me a tua meiga imagem, encontra assim nos meus sentidos mais um poderoso estímulo para esse consolador efeito. Lembro-te o projeto de lermos nos mesmos dias, às mesmas horas, um mesmo capítulo do *Ano sem par*. Proponho-te, para começar, que no próximo domingo, dia 10, pela manhã, antes do almoço, leiamos o capítulo terceiro – “Agosto – afeição”, que reli anteontem deliciado, e combinarmos para cada domingo a leitura de um novo capítulo.

O livro referido por Torres Gonçalves, com quase mil páginas, fora editado pela IPB em dezembro de 1900. Tratava-se de uma

compilação feita por Teixeira Mendes da correspondência mantida entre Auguste Comte e Clotilde de Vaux entre abril de 1845 e abril de 1846, entremeada por comentários feitos pelo vice-diretor da IPB. Através da leitura conjunta do *Ano sem par*, Carlos Torres Gonçalves iniciava Dagmar no conhecimento de aspectos da vida privada de Auguste Comte que são essenciais para o entendimento de seu sistema filosófico e de sua doutrina religiosa.

Na pequena carta que Dagmar escreveu no dia 1º de junho de 1903 em resposta àquela que recebera de Carlos, ela referiu a leitura que estava fazendo da obra indicada pelo noivo: “Deves imaginar com que satisfação tenho lido o *Ano sem par*, cada vez aumentam as simpatias que nutro por esta santa Religião”.

Em 30 de junho de 1903, data de seu 28º aniversário, Carlos Torres Gonçalves encontrava-se em viagem pela região serrana do Rio Grande do Sul, envolvido com a construção de uma estrada e com a demarcação de lotes coloniais para a Secretaria de Obras Públicas do Estado do Rio Grande do Sul, em que atuava na Diretoria de Terras e Colonização. Naquela noite, sob a epígrafe “amar é ainda melhor que ser amado”, o engenheiro escreveu uma longa carta a Marzinha, como chamava privadamente a noiva. Depois de relembrar o significado que aquela idade tinha para o homem e referir a proximidade do casamento de ambos, Torres Gonçalves lamentou não poder ter escrito uma carta à noiva em 29 de março daquele ano, quando ela completara 21 anos de idade. Nesse sentido, procurando repreender-se por tal falha, o noivo expôs o que pensara dizer-lhe naquela projetada carta:

Nela eu pensava dizer-te essencialmente o seguinte. Que completando o teu 21º aniversário natalício, iniciavas, conforme os ensinamentos do Positivismo, uma nova fase da tua existência, na qual, preenchidos já outros muitos e delicados requisitos de uma digna Esposa, e satisfeito agora mais este relativo à idade, ficavas apta a realizar o passo mais decisivo de toda a tua vida, como concernindo ao mais importante

dos sacramentos sociais. [...]. Finalmente, que o coração dizia-me que tu serias para mim Aquela que eu sempre busquei, a meiga inspiradora de todas as ações boas de minha vida, e sob cujo santo influxo eu esforçar-me-ia por paten-tear quanto em mim coubesse a gratidão ilimitada que me anima para com os nossos Santíssimos Pais Espirituais – Clotilde e Augusto Comte.

Como se percebe, eram recorrentes nas cartas que Carlos Torres Gonçalves endereçava à sua noiva as analogias entre o futuro casal e seus “pais espirituais”.

Atingida pelos nubentes a idade necessária para a realização do casamento de acordo com os preceitos comtianos, tratava-se então de consumá-lo. Assim, Torres Gonçalves realizou diversas consultas a Miguel Lemos e a Teixeira Mendes, respectivamente o diretor e o vice-diretor da Igreja Positivista do Brasil, solicitando-lhes o envio das normas para a celebração do casamento positivista. Na impossibilidade de os noivos irem ao Rio de Janeiro para a realização da cerimônia no Templo da Humanidade, em função das atividades profissionais de Torres Gonçalves, este cogitou da possibilidade de um dos apóstolos da IPB vir a Porto Alegre. Porém, Miguel Lemos recém havia se afastado do comando da instituição, alegando fadiga mental. Por sua vez, Teixeira Mendes encontrava-se em Paris, para onde fora com o propósito de adquirir a casa em que Clotilde de Vaux vivera seus últimos anos e onde veio a morrer.

Para a realização de seu casamento em moldes positivistas, Torres Gonçalves tinha alguns modelos a seguir. Além dos casamentos que o próprio Auguste Comte consagrou na França, existiam os exemplos de Miguel Lemos e de Teixeira Mendes com as irmãs Albertina e Ernestina. Mas é bem provável também que Torres Gonçalves tenha sido tocado pela leitura do folheto intitulado “Um casamento positivista no ano de 112 (1900 da era cristã),” do confrade Alípio Bandeira, editado pela IPB em 1901, que usa da ficção para relatar um casamento efetivamente realizado no Templo

da Humanidade do Rio de Janeiro, sede da IPB. Outro texto que exerceu influência sobre o imaginário de Torres Gonçalves foi a “Carta filosófica sobre o casamento”, que Auguste Comte escreveu para Clotilde de Vaux em janeiro de 1846, apenas três meses antes da morte de sua musa inspiradora. No referido texto, que Torres Gonçalves editou em Porto Alegre no ano de 1912, Comte discorre sobre o significado do casamento nas sociedades teológicas e metafísicas, concluindo com a proposta de reorganização dessa instituição social em moldes positivistas. Tais leituras provavelmente calaram fundo no espírito de Torres Gonçalves. Porém, foi no *Catecismo Positivista* onde ele encontrou a definição mais característica do casamento positivista e de sua importância na tarefa de regeneração social, graças à influência do altruísmo, na perspectiva ortodoxa de Comte.

Em 18 de Carlos Magno de 115 (ou 5 de julho de 1903), ocorreu a cerimônia em que foram tomados os “compromissos esponsais” de Carlos Torres Gonçalves e Dagmar Torres Gonçalves, como ela passou a se chamar. Por delegação de Teixeira Mendes, o confrade, amigo e colega Joaquim José Felizardo Júnior presidiu a cerimônia, ocasião em que o casal se comprometeu a respeitar as prescrições peculiares ao casamento positivista.²³

O casamento civil entre Dagmar e Carlos Torres Gonçalves ocorreu em 7 de setembro de 1903, não por acaso a data do feriado nacional mais importante. Tratava-se de uma cerimônia de caráter público, representando que um dos objetivos da família que então se formava era o de servir à pátria. A partir de então, o casal já tinha autorização de suas famílias e do Estado nacional para a coabitação, passando a viver na rua Garibaldi n.º 40, próximo ao centro de Porto Alegre.

Em 17 de novembro de 1903, Torres Gonçalves escreveu a Teixeira Mendes, que se encontrava em Paris. Na carta, referiu que as simpatias de Dagmar pela religião positivista eram crescentes e que ela já estava “liberta de quaisquer laços teológicos”, razão

pela qual solicitava seu ingresso na IPB, onde ela veio a se tornar confreira.

Finalmente, em 26 de dezembro de 1903, Felizardo Júnior celebrou o casamento positivista entre Dagmar e Carlos Torres Gonçalves. Felizardo Júnior lembrou o pioneirismo daquela união positivista no Rio Grande do Sul, e que o casamento era o mais importante dos sacramentos sociais. Em seguida, passando a tomar de Dagmar e Carlos Torres Gonçalves os compromissos de casamento, Felizardo Júnior indagou-lhes se eles confirmavam a obediência aos compromissos feitos anteriormente, quando da realização dos “esponsais”. Face à resposta afirmativa de ambos àquela questão prévia, o celebrante lhes fez sucessivamente as seguintes questões:

- 1 – Prometeis ambos fidelidade e dedicação mútuas, de acordo com o que manda a nossa Igreja a respeito da união conjugal?
- 2 – Prometeis ambos prolongar essa fidelidade e esse devotamento além do túmulo, de modo que aquele de vós que sobreviver ao outro se conserve em estado de perpétua viuvez?
- 3 – Prometeis renunciar voluntariamente a todo dote e a toda herança que vos possa caber, salvas as restrições que este preceito poderá sofrer em virtude das condições atuais da sociedade, consideradas quanto ao vosso caso particular?
- 4 – Prometeis à vossa Esposa todo o sustento material de que ela precisar para o digno desempenho de suas funções domésticas, de conformidade com o princípio capital de nossa Doutrina: *o homem deve sustentar a mulher*?
- 5 – E, de acordo com o mesmo princípio, reconheceis a obrigação de estender, dentro dos vossos recursos, a mesma proteção material a qualquer mulher que apelar para o vosso cavalheiresco amparo?
- 6 – Prometeis respeitar e facilitar a superintendência materna da vossa Esposa na educação dos vossos filhos?

7 – Reconheceis ambos que as liberdades de testar e de adotar são as condições necessárias da organização normal, e prometeis fazer de tais faculdades o uso que mais aproveite ao bem geral, quando as leis do nosso país o permitirem?

Essas sete questões sintetizam as inovações peculiares do casamento religioso positivista relativamente à cerimônia católica. Observe-se que a obrigatoriedade de o homem sustentar a mulher tem como contrapartida a renúncia desta ao trabalho fora do lar e ao recebimento de qualquer tipo de riqueza material por dote ou por herança. A atuação da mulher restringe-se, assim, ao ambiente doméstico, onde a educação dos filhos fica sob sua incumbência.

Nas missivas enviadas a Miguel Lemos, Torres Gonçalves, de forma recorrente, fazia referências à família do diretor da IPB, demonstrando a importância dessa instituição para os positivistas religiosos. Assim, em carta que escreveu ao fundador da IPB em 20 de Shakespeare de 116 (28 de setembro de 1904), data do aniversário de casamento de Miguel Lemos com Albertina Torres de Carvalho, Torres Gonçalves referiu:

Venho trazer-vos, e à vossa digna Esposa, os nossos mais cordiais cumprimentos, de minha Senhora e meus, pela data, por todos os motivos cara aos positivistas brasileiros, do vosso feliz casamento; e também exprimir-vos, de todo o coração, nossos votos para que este aniversário se repita por longos anos com a união objetiva do muito amado Chefe de nossa Igreja à santa Companheira de seus esforços e esperanças regeneradoras. Os progressos de nossa Fé, a felicidade dos positivistas brasileiros, são inseparáveis dessa felicidade que almejamos para o Par incomparável, inextinguível em exemplos para os lares positivistas, e que, há tantos anos já, preside, em nossa Pátria, à reorganização da Família, sob os ensinamentos de nossos comuns Pais Espirituais.

A correspondência de Carlos Torres Gonçalves com seus familiares e com seus chefes positivistas permite que se lance um olhar para as funções pedagógicas por ele desempenhadas no cotidiano de seu ambiente doméstico. Como já foi visto, tais ações educativas começaram antes mesmo de seu casamento com Dagmar, através da iniciação desta na literatura e nos princípios da Religião da Humanidade. Depois das núpcias, o ensinamento dos princípios positivistas por parte de Torres Gonçalves teve continuidade entre aqueles que compartilhavam de sua vida privada, atingindo, além da esposa, os filhos que com ela teve.

No dia 11 de fevereiro de 1905, em Porto Alegre, nasceu a filha primogênita de Dagmar e Carlos Torres Gonçalves. A mãe ainda não tinha completado 23 anos, enquanto que o pai aproximava-se dos 30 anos de idade. Alguns tempo depois, em 7 de março daquele ano, retornando à região serrana, onde prosseguia em seus trabalhos para a Diretoria de Terras e Colonização do governo estadual, Torres Gonçalves anunciou a novidade em uma breve carta que escreveu a Miguel Lemos:

Comunico-vos que no dia 14 de Homero p. p. minha Senhora e eu tivemos o prazer do nascimento de nossa filha Sofia Mariana. Minha Senhora foi muito feliz e a nossa filha nasceu bastante sadia. Ao nome da padroeira escolhida juntamos o de Mariana, que é o da Mãe da minha Senhora, já falecida. Assim que estiverem em condições de suportar a penosa viagem para cá, irei buscá-las em P. Alegre. Em outubro deste ano pretendemos realizar a projetada visita de alguns anos aos nossos queridos Chefes espirituais. Minha Senhora espera fazer então a sua entrada solene para a nossa Igreja, assim como contamos realizar a Apresentação da nossa filha.

Como se percebe, a escolha do nome da menina não foi aleatória, sendo objeto de uma reflexão cuidadosa. Desse modo, a “padroeira” escolhida para ela foi Sophie Bliaux, a empregada que

atendeu Auguste Comte nos seus últimos quinze anos de vida e que foi por ele nomeada como um de seus “anjos da guarda”, na condição de “filha espiritual”. Ao conferir um segundo nome à filha e escolher aquele que pertencera à falecida mãe de Dagmar – Mariana –, os pais estavam lhe prestando uma homenagem e levando para o âmbito familiar o lema comtiano, que afirma que “os vivos são sempre e cada vez mais necessariamente governados pelos mortos”.

No dia 29 de março de 1905, Carlos Torres Gonçalves se encontrava na localidade de Nova Treviso, de onde escreveu uma extensa carta à sua “adorada Marzinha”, que completava 23 anos de idade naquela data. Esse documento permite que se vislumbrem certos aspectos do cotidiano e do imaginário de Torres Gonçalves a partir de sua forma de recepção do positivismo comtiano. Assim, após lamentar a ausência de Porto Alegre em data tão significativa, o atencioso marido revelou à esposa a forma como vinha ocupando o pouco tempo que dispunha para si ao amanhecer e ao anoitecer:

[...] desde os últimos dias do ano passado comecei a experimentar mais a necessidade de sistematizar o meu culto íntimo. E desde então, embora como esboço ainda imperfeitíssimo, consagro diariamente, pela manhã e à noite, entre 15 e 20 minutos à comemoração de todos os benefícios que, quer direta, quer indiretamente, tenho recebido de meus Pais, e sobretudo de minha Mãe e tipos anexos a ela, de meus irmãos, de meus amigos, de meus chefes espirituais, de ti, e portanto de todos os que mais intimamente se acham ligados a ti, principalmente tua mãe e tua avó. Sigo, nessa recordação dos benefícios recebidos, a ordem cronológica em que vivo sentindo a influência de cada um de vós, e termino a oração, conforme toda prece positivista, por uma ligeira efusão, na qual, a par da minha ilimitada gratidão, expando os meus desejos ardentes de aperfeiçoamento contínuo, bem como os meus votos de saber corresponder cada vez melhor a tudo quanto vos devo, empenhando todo o zelo e ardor de que sou capaz no serviço da Humanidade, como o faria um digno filho de Clotilde e Augusto Comte, os nossos eternos pais espirituais [...].

Nessa “escrita de si”, mais uma vez Torres Gonçalves deixou transparecer a influência do pensamento de Auguste Comte nos aspectos mais íntimos de sua vida cotidiana.²⁴

Dando continuidade à educação religiosa de sua esposa, Torres Gonçalves pretendia que Dagmar também comesse a realizar o “culto íntimo” de seus mestres, de seus chefes espirituais e de seus parentes vivos e mortos. Desse modo, acrescentou naquela mesma carta: “Brevemente, quando lermos juntos o *Catecismo* e relermos as *Orações* do nosso Mestre, conhecerás melhor em que consistem as três orações cotidianas às quais cada positivista deve consagrar duas horas por dia”.

Mais adiante, naquela mesma carta que escreveu para “Marzinha”, Carlos Torres Gonçalves passou a fazer um balanço do casamento e a tratar das novas obrigações que o nascimento da filha lhes impunha:

São passados agora 19 meses do ato civil do nosso casamento e de feliz vida conjugal, e para o coroamento de tantos dons já cumulados sobre as nossas cabeças, a Humanidade, vindo assim alimentar melhor as nossas esperanças e precisar mais as nossas vistas de futuro, acaba de confiar ao nosso amor e ao nosso zelo religioso um tenro rebento Seu, a fim de que o eduquemos nos Seus santos ensinamentos e para o Seu sagrado serviço. Procuremos nós, pois, corresponder a esta nova e doce missão, embora difícil, e a tantas bondades, por um devotamento constante e sinceros esforços de aperfeiçoamentos de toda a sorte, de modo a conseguirmos tornar a nossa querida Sofia Mariana digna das suas Padroeiras, isto é, fazermos dela uma zelosa e ardorosa servidora da Humanidade, a Deusa do Futuro, que um dia felicitará a espécie humana, como já hoje felicita a nós, transformando a Terra em Paraíso.

Como se nota nas palavras de Torres Gonçalves, desde o início ele e a esposa tinham o propósito de ministrar uma educação positivista

para a filha primogênita, vista como uma futura servidora da humanidade a partir mesmo da escolha de seu nome.

Mais adiante, Torres Gonçalves relatou a Dagmar a leitura que havia feito das cartas escritas por Comte ao seu discípulo e médico Dr. Audiffrent, acerca da influência materna na gestação. No entender do filósofo, a situação espiritual da mãe durante a concepção e a gestação teria influência direta sobre as qualidades da futura criança. Desse modo, Torres Gonçalves explicou a Dagmar a importância de ela estar preparada para a maternidade:

[...] toda Esposa positivista que sentindo o horror da pavorosa anarquia que domina a sociedade moderna, aliar a esse sentimento o desejo ardente de transmitir aos filhos que porventura houver de ter as qualidades necessárias para que eles venham a cooperar eficazmente no problema da reorganização social [...] mediante a vitória do Positivismo, poderá esperar ver realizada essa sua santa aspiração. Os sentimentos altruístas de tua alma, assim exaltados, devem mesmo transmitir-se aperfeiçoados às dos filhos. E tais são os votos que precisa formular a Esposa positivista, a quem cumpre esforçar-se cada vez mais pelo aperfeiçoamento de sua natureza, jamais esquecendo que *é da Mulher que provém fundamentalmente o homem*, segundo a lei que resume a teoria positivista da hereditariedade, como é da adesão dela que depende a vitória final do Positivismo, conforme o nosso Mestre o provou. A sua influência educadora é mesmo eterna, pois que começada já na concepção e continuada durante a gestação, prolonga-se em seguida objetivamente por todas as fases sucessivas da existência do filho, e perpetua-se, afinal, subjetivamente, depois da morte, pelos aperfeiçoamentos incessantes que o culto de sua memória opera nos que ficam.

Portanto, Torres Gonçalves atribuía uma enorme responsabilidade à esposa, colocando-a como protagonista do processo de regeneração de toda a humanidade através de sua conversão ao positivismo e de sua atividade educativa. Em consonância com

Auguste Comte, exaltava a figura feminina ao mesmo tempo em que restringia seu espaço de atuação social ao ambiente familiar. Diga-se de passagem, porém, que tal limitação do âmbito de atuação da mulher ao ambiente doméstico não estava em desacordo com o que se verificava no conjunto das famílias de mesma condição social no Brasil do início do século XX. O que havia de peculiar, nesse caso, era a justificativa encontrada, inteiramente ancorada no positivismo comtiano.²⁵

Naquela mesma carta que escreveu para “Marzinha” em 29 de março de 1905, Torres Gonçalves manifestou seu desejo de ser pai novamente, e de que seus filhos se tornassem positivistas, outorgando à esposa parte dessa responsabilidade:

Na esperança de que ainda venhas a dar à nossa Deusa outros servidores, o conhecimento dos juízos do nosso Incomparável Mestre a respeito muito poderá auxiliar-te na legítima e santa aspiração de que eles venham a ser dignos da missão hoje reservada a cada positivista na solução do problema supremo da regeneração humana. Nosso Mestre dizia que *destinadas a formar homens, as mulheres devem ser, como os autores, julgadas pelas suas obras. Entretanto*, acrescentava Ele, *seria injusto responsabilizá-las pelos insucessos e mesmo não honrar a árvore independente do fruto, desde que a sua própria virtude possa ser constatada sem ele*. Pois bem, que glória maior para uma Mãe que a de produzir dignos servidores da nossa Deusa?

Desse modo, os filhos de Carlos e Dagmar Torres Gonçalves, antes mesmo de nascerem, já estavam destinados ao serviço da humanidade, à “Deusa” do futuro, pelo menos no imaginário de seus pais.

Nos anos seguintes, nasceram outras duas filhas do casal, Rosália Beatriz (1906) e Clotilde Tereza (1908), cujos primeiros nomes faziam alusão respectivamente à mãe e à “esposa espiritual” de Auguste Comte. Assim, ao atribuir os nomes de Sofia, Rosália e Clotilde às suas primeiras filhas, o casal Torres Gonçalves homenageou os “três anjos da guarda” de Auguste Comte. Em 1909, nasceu Jorge

Baiardo, seguido no ano seguinte por Paulo Trajano. Finalmente, em 1912, nasceu Branca Marina, último rebento do casal, todos recebendo nomes compostos derivados de figuras homenageadas no calendário positivista.

Seguindo o modelo de educação positivista proposto por Comte, a educação dos filhos do casal Torres Gonçalves ficou inteiramente aos cuidados de Dagmar durante os sete anos iniciais de vida das crianças, para isto contribuindo as freqüentes e prolongadas ausências de Carlos Torres Gonçalves em razão de suas atribuições profissionais. A partir dos sete anos, as crianças passaram a ter aulas em casa com professores particulares, visto que os pais desejavam ter absoluto controle sobre a formação dos filhos, não os enviando para escolas.

Apesar da distância que freqüentemente o separava da esposa e dos filhos, Torres Gonçalves não negligenciou a educação que recebiam, acompanhando de perto os mínimos detalhes. Desse modo, de passagem pela localidade de Quatorze de Julho em 4 de abril de 1917, Torres Gonçalves escreveu uma pequena carta a Sofia, sua filha primogênita que então contava com doze anos de idade. Após relatar alguns episódios curiosos de suas viagens pelo norte do Rio Grande do Sul, em tom afetuosos Torres Gonçalves escreveu a Sofia:

Agora quero saber da minha querida filhinha o que ela e seus irmãozinhos têm feito. Estou certo que todos têm sido muito bonzinhos e obedientes com sua querida Mãe; que Sofia, Rozália e Clotilde têm estudado muito música e preparado com interesse as suas lições; que Jorge e Paulo continuam fazendo progressos em leitura, ajudados pelas suas irmãzinhas, e que a Branquinha tem ajudado também a Mãezinha como uma boa doninha de casa. Daqui a dez dias estarei aí (hoje é dia 4) e terei o prazer de saber que as minhas esperanças estão confirmadas pelos meus queridos filhinhos. Amanhã é dia do aniversário da morte de Mamãe Clotilde, que tanto fez por nós todos. Chegando a Comandaí,

o Papai vai escrever amanhã de tarde uma cartinha ao Vovô Lemos e um cartãozinho ao Vovô Mendes, pois foram eles que fizeram o Papai conhecer e poder ensinar a vocês o quanto Mamãe Clotilde e Papai Comte foram bons e trabalharam pela felicidade de todas as pessoas.

Na passagem acima, chama a atenção novamente a forma como Comte, Clotilde e os diretores da IPB foram assimilados à família de Torres Gonçalves, reforçando os poderes de controle sobre os filhos. Estes não deveriam obediência apenas aos pais biológicos, devendo se comportar de modo a incorporar também aos ensinamentos de seus “pais espirituais”. Essa assimilação de “Mamãe Clotilde”, de “Papai Comte” e de seus “anjos da guarda” à família de Torres Gonçalves era reforçada diariamente através das orações que as crianças faziam ao amanhecer e antes de irem dormir.

Em 11 de fevereiro de 1919, de passagem por Comandáí, próximo da fronteira com a Argentina, Carlos Torres Gonçalves escreveu uma terna carta para Sofia Mariana, que naquela data comemorava seus quatorze anos de idade. Tendo por epígrafe a máxima de Clotilde de Vaux “Que prazeres podem exceder aos da dedicação?”, o engenheiro gaúcho, após lamentar sua ausência, lembrou à filha a importância daquela data:

Tu terminas hoje a segunda infância e comesas uma fase nova na existência. Já recebeste o primeiro sacramento positivista, que é o da Apresentação, no Templo do Rio de Janeiro. Se a situação social já fosse mais favorável, tu receberias agora o segundo sacramento, que é o da Iniciação, antes de comesares, sob a direção de um sacerdote positivista, o estudo das sete ciências que dão a conhecer as leis do mundo e do homem e nos habilitam a melhor servir à sociedade, isto é, à Família, à Pátria e à Humanidade. Mas infelizmente este sacerdote não existe ainda, e terá de ser sob as minhas vistas que encetarás, um pouco mais tarde, com mais lentidão, e sobretudo com menos eficácia, o estudo sistemático das ciências.

As lições que os filhos de Torres Gonçalves tiveram na infância com professores particulares foram, sobretudo, de atividades artísticas e de línguas. A partir da adolescência daqueles, com o estudo mais aprofundado das “sete ciências”, Torres Gonçalves se tornou mais ativo no acompanhamento de seus estudos. Também é importante sublinhar, na passagem acima, a reafirmação da idéia de que o indivíduo deve servir à família, à pátria e à humanidade, tornando-se assim uma espécie de “funcionário público espontâneo”.

Prosseguindo aquela mesma carta, depois de lembrar a Sofia Mariana acerca da importância de que ela se espelhasse nos exemplos de Clotilde de Vaux, de Auguste Comte e das padroeiras homenageadas em seu nome, Torres Gonçalves passou a tratar com a filha adolescente da possibilidade de um futuro casamento:

Entrando agora na adolescência, minha querida Filha, a responsabilidade dos teus atos vai ainda aumentando. Nesta nova fase a preparação das tuas faculdades de sentimento, inteligência e caráter deve conduzir-te, aos 21 anos, ao sacramento da Admissão, pelo qual confirmarás o teu nascimento positivista, aceitando voluntariamente todos os deveres a que estão sujeitos os crentes da Humanidade. E só então é que tu poderás pensar seriamente no passo mais importante na vida da Mulher, como do homem, que é o casamento. Para uma jovem, mais ainda do que para um jovem, é hoje bem difícil a realização deste passo, em virtude da desorganização profunda em que se acha a sociedade contemporânea. A nossa Doutrina consagra o casamento de um positivista com uma jovem de qualquer religião, porém não consagra o casamento de uma positivista senão com um jovem também positivista. Porque as disposições morais da Mulher, qualquer que seja a sua religião, podem sempre acabar por fazê-la simpatizar com a Doutrina que mais a dignifica, senão a aceitá-la, como aconteceu com tua Mãe; ao passo que seria difícil obter a Noiva tal resultado do noivo que previamente Ela não houvesse conseguido converter ao Positivismo.

Levando-se em consideração a exigência comtiana de que a noiva tivesse 21 anos contra 28 do noivo à época do casamento, e que o número de positivistas religiosos reunidos na IPB era extremamente reduzido, somando apenas algumas poucas dezenas, a possibilidade de que Sofia Mariana encontrasse um noivo adequado era bastante remota. Ao vetar o casamento com alguém que não fosse positivista, Torres Gonçalves praticamente induziu a filha a permanecer solteira.

Concluindo aquela missiva tão significativa, Torres Gonçalves ainda lembrou à filha as obrigações que, na condição de mulher, lhe cabiam:

Tu já revelaste possuir os germens das principais qualidades da Mulher – ternura e pureza – que a fazem superior ao homem, em um ser intermediário entre ele e a Humanidade. Mas esta mesma superioridade torna também maiores os deveres morais da Mulher. Respeitosa com os superiores, fraternal com os iguais, bondosa para com todos, em qualquer condição, deve a Mulher, como Mãe, Esposa, Filha, Irmã, Criada, constituir-se em verdadeiro Anjo da Guarda dos seres em cuja intimidade convive. Assim desejo eu ver-te, devotada a todos e querida de todos, como Filha verdadeira da Humanidade e sua constante servidora.

A ternura do pai pela filha parece bem evidente na carta em questão. Não menos importante, embora mais sutil, é o aspecto limitador que a missiva apresenta ao restringir os horizontes de Sofia.

Sete anos depois, em 11 de fevereiro de 1926, na data em que Sofia Mariana completava 21 anos de idade, Torres Gonçalves voltou a lhe escrever. Começou lembrando a carta que lhe escrevera quando ela completara quatorze anos e citando algumas máximas de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux acerca da condição feminina, para depois acrescentar:

Carlos Torres Gonçalves e o sexo altruísta...

Especialmente desejo tratar de dois pontos: O primeiro é o da tua admissão, ou antes, confirmação na Igreja fundada por Miguel Lemos, onde já recebeste o sacramento inicial, da Apresentação, no Templo do Rio de Janeiro. Todo o arrastamento em semelhante assunto sendo perigoso, limitar-me-ei a dizer-te que respeitarei cuidadosamente a tua espontânea iniciativa a respeito. O segundo é o Casamento. Conquanto toda a mulher deva aspirar a um digno matrimônio, e hajás atingido a idade em que esse delicadíssimo problema pode ser encarado com madureza, entretanto, cumpre não esqueceres o quanto preferível é o estado de solteira, a uma escolha desacertada. Nos outros afetos, especialmente na ternura consagrada a filhos de adoção, conseguirá a mulher encontrar atenuações para a falta do apego principal. Possas tu, querida Sofia Mariana, no culto da nossa Deusa, das tuas Padroeiras e dos outros mortos queridos que possuímos, bem como na assistência objetiva das boas naturezas que te cercam, a começar por tua dedicada Mãe, encontrares amparo e estímulo para uma digna existência, no serviço da Família, da Pátria e da Humanidade. Tais são os votos do teu pai, que muito te ama. (a) Carlos.

Portanto, além de pedir a Sofia uma definição quanto à sua plena adesão à IPB, Torres Gonçalves ratificou seu descontentamento com um eventual casamento da filha com algum rapaz que não fosse seguidor da Religião da Humanidade, e reafirmou o desejo de que ela dedicasse a existência ao serviço da família, da pátria e da humanidade. Não foi possível apurar se Torres Gonçalves tomou a iniciativa de redigir para suas três outras filhas cartas semelhantes às aquelas enviadas para Sofia Mariana. Talvez ele se encontrasse em Porto Alegre nas datas em que Rozália Beatriz, Clotilde Tereza e Branca Marina completaram seus 14 e 21 anos de idade, de forma que pode ter transmitido oralmente a elas os conselhos que escreveu para sua filha primogênita. O fato é que, das quatro filhas, apenas Clotilde Tereza se casou, as demais permanecendo solteiras e morando com os pais por toda a vida. Pretendentes não faltaram às

belas moças de boa família. Porém, além da dificuldade de encontrar moços positivistas disponíveis e em idade de casar, como queria Torres Gonçalves, havia outro obstáculo para que suas filhas casassem. Tal empecilho decorria da imagem idealizada que elas tinham do pai, ofuscando os predicados desses possíveis pretendentes. De qualquer modo, pode-se depreender que as mesmas diretrizes educacionais foram ministradas a todas as filhas de Torres Gonçalves.

Se os conselhos dados por Torres Gonçalves às filhas versaram essencialmente sobre questões concernentes à família, o mesmo não ocorreu nos conselhos dados a seus dois filhos do sexo masculino. É provável que Jorge e Paulo também tenham recebido ensinamentos acerca da atitude que deveriam adotar em relação ao “sexo altruísta”, mas as indicações pedagógicas de Torres Gonçalves aos seus filhos concentraram-se principalmente em assuntos de natureza política e social. Pelo menos é o que demonstra um texto manuscrito que Torres Gonçalves redigiu entre agosto e outubro de 1934, intitulado “Atitude dos jovens positivistas em face da militarização do País e outras aberrações contemporâneas”, e com o subtítulo “Notas para J. e P.”. Nele o positivista gaúcho teceu uma série de considerações acerca da complexa conjuntura histórica brasileira e mundial no período de entre-guerras.

Virgínia Torres Gonçalves, mãe de Carlos Torres Gonçalves, exerceu forte influência também sobre seus netos. No final de 1920, por intermédio do filho e da nora, Virgínia solicitou sua admissão como confrreira da IPB, com a qual simpatizava e contribuía desde o princípio do século. A admissão se efetivou em cerimônia realizada na casa de Carlos Torres Gonçalves em outubro de 1921, após autorização de Teixeira Mendes chancelada pela Delegação Executiva daquela agremiação religiosa. Desse modo, Carlos Torres Gonçalves conseguiu a conversão de sua mãe, de sua esposa e de suas filhas – seus “anjos da guarda” – à religião que Auguste Comte fundou sob a influência de Clotilde de Vaux. Pouco mais de um ano depois, em 16 de outubro de 1922, aos 77 anos de idade, ocorreu a “transformação subjetiva” de Virgínia.

Cabe registrar que, além dessa ação doutrinária desenvolvida no seio de sua família, Torres Gonçalves escreveu alguns artigos publicados em jornal ou sob a forma de folhetos acerca da situação da mulher, assim procurando difundir socialmente as idéias sobre o tema formuladas por Auguste Comte.²⁶

Infelizmente, poucas das cartas escritas por Virgínia, Dagmar e Sofia a Carlos Torres Gonçalves sobreviveram, sendo elas bastante lacônicas se comparadas com as missivas do filho, do esposo e do pai.²⁷ Assim, não é possível acompanhar a reação das mulheres da família à ação doutrinária exercida pelo pai. O certo é que quando chegaram à idade adulta, nenhum dos seis filhos confirmou a adesão à Religião da Humanidade, embora todos tenham continuado a contribuir e a colaborar com a Igreja Positivista do Brasil. De qualquer forma, mesmo que possa ter havido alguma contrariedade relativamente a alguns dos preceitos impostos pela religião positivista, todos os membros da família procuraram não se desviar muito de suas indicações, em respeito à opção feita pelo pai. Assim mesmo, o empenho de doutrinação feminina segundo os princípios da Religião da Humanidade exercido por Torres Gonçalves destaca-se por seu caráter quase que *sui-generis*, principalmente se levarmos em consideração a radicalidade e a duração de tal experiência de recepção e de aplicação do ideário comtiano. Desse modo, levando em consideração sua tentativa no sentido de criar e de moldar uma família de acordo com os princípios da Religião da Humanidade, pode-se dizer que Torres Gonçalves foi mais ortodoxo que o próprio fundador da Religião da Humanidade.

Carlos Torres Gonçalves and the altruistic sex: the feminine conversion to the Religion of Humanity in Porto Alegre in the early 20th century.

Abstract. The civil engineer Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) was one of the most important religious positivists of Rio Grande do Sul and of Brazil during the 20th century, and was the main responsible for the construction of the Positivist Chapel of Porto Alegre. In his experience as an advertiser of the Positivist Church of Brazil and as a public servant of the State Office of Public Construction – in

which he was responsible for the implementation of land policies in Rio Grande do Sul, during two decades – Torres Gonçalves aimed at guiding his actions in accordance with the rules that Auguste Comte had established under the “angelic inspiration” of Clotilde de Vaux. However, it was not only in the public scenario that Torres Gonçalves attempted to apply the positivist rules. In his private life as well he made such effort, experiencing positivism in a visceral way. For this, it was fundamental to constitute a positivist family, which he consolidated with the conversions of his three “guardian angels”, namely his fiancée and later wife, Dagmar, his daughter Sofia Mariana and his mother, Virginia. Some letters exchanged among the members of the Torres Gonçalves family during the three first decades in the 20th century allow us to have a brief look at this private universe.

Keywords: Letters. Positivism. Sexuality.

Notas

¹ Publicado originalmente em 1852, o *Catecismo Positivista ou sumária exposição da religião universal, em treze conferência entre uma mulher e um sacerdote da Humanidade* expõe na 4ª conferência, dedicada ao “culto privado”, e em sua 10ª conferência, dedicada ao “regime privado”, as bases de um casamento altruísta no qual o homem submete seus impulsos egoístas – que visam à satisfação do apetite sexual – ao “influxo regenerador” da mulher, que assim ficaria preservada das “brutalidades do homem”. Neste texto é utilizada como referência a 4ª edição do Catecismo feita pela Igreja Positivista do Brasil da tradução realizada por Miguel Lemos.

² Este artigo sintetiza o capítulo 2 de minha tese de doutorado. Cf. PEZAT, Paulo Ricardo. *Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1875-1974)*. 2003. Tese (Doutorado em História)– Programa de Pós-Graduação em história, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. O referido trabalho é tributário de duas abordagens teóricas principais. A análise dos processos gerais que envolvem a elaboração, veiculação e recepção de idéias foi influenciado pela abordagem desenvolvida por Roger Chartier (1996). De outra parte, o fenômeno da recepção de idéias positivistas no Brasil durante as décadas finais do Império e iniciais da República tem motivado muitos estudos ultimamente, sendo uma referência a abordagem de José Murilo de Carvalho no artigo intitulado “O positivismo brasileiro e a importação de idéias” (1998).

³ Referida apenas de passagem por Comte em algumas cartas que escreveu a seu amigo Valat, essa relação com uma mulher casada (de quem não se conhece o sobrenome) e o impacto do nascimento da filha que daí resultou são analisados

por Raquel Capurro (2001) em sua interessante tentativa de aplicar o método psicanalítico no estudo da vida e da obra do pensador francês. Henri Gouhier (1997), o mais autorizado biógrafo de Comte, também faz referência a tais episódios e aos reflexos futuros que teriam. Ver as referências completas de ambas as obras na bibliografia.

⁴ Em 1826, quando estava prestes a proferir a quarta conferência de exposição do *Cours de philosophie positive*, alegando “fadiga mental” Comte interrompeu o programa, sendo internado na clínica psiquiátrica do Dr. Esquirol. Henri Gouhier posteriormente relacionou o colapso de Comte com a morte de Louise, sua filha – a quem já não mais via –, aos oito anos de idade, e à suposta traição de Caroline Massin com Cerclet, o homem que havia vencido um leilão por sua virgindade, promovido por sua avó materna alguns anos antes (Cf. Gouhier, 1997, p. 132).

⁵ Três interessantes estudos produzidos por mulheres abordam mais detidamente o papel das mulheres na vida e na obra de Auguste Comte, Annie Petit e Bernadette Bensaude (1976), que analisam principalmente a obra de Comte, Sarah Kofman (1978), que analisa mais detidamente a relação de Comte com sua esposa legítima Caroline Massin, e Raquel Capurro (2001), que procura aplicar o instrumental freudiano para entender as motivações do filósofo em suas relações com Caroline Massin e com Clotilde de Vaux, bem como com sua mãe, Rosalie Boyer Comte.

⁶ Comte estudou na École Polytechnique entre 1814 e 1816, antes de ser suspenso e depois expulso por protestar contra Napoleão e em defesa da República. Depois Comte veio a trabalhar nessa instituição de ensino que formava a elite dos engenheiros franceses, mas não como professor, pois sua sugestão de criação de uma cátedra de História das Ciências só bem mais tarde foi aceita. Comte exerceu as funções de examinador e de responsável pela admissão de novos alunos, pouco a pouco se incompatibilizando com o *establishment* da instituição e passando a denunciar a “pedantocracia acadêmica” (Cf. Gouhier, 1997, p. 174-192).

⁷ Os nove sacramentos sociais instituídos por Comte eram os seguintes: apresentação (do recém-nascido), iniciação (aos 14 anos), admissão (aos 21 anos), destinação social (aos 28 anos, vinculando-se às atividades profissionais masculinas), casamento (idealmente aos 28 anos para o homem e aos 21 anos para a mulher), maturidade (aos 42 anos), retiro (aos 63 anos), transformação (por ocasião da morte) e incorporação (sete anos após a morte). Alguns desses sacramentos seriam exclusivamente masculinos (Cf. Comte, 1934, p. 129-137).

⁸ Este caráter pedagógico presente em toda a obra de Comte foi estudado por Paul Arbousse-Bastide (1957), que assinalou que as noções de educação do filósofo se apresentam sob formas as mais diversas, podendo ser percebido em seu pensamento uma teoria da educação que engloba uma pedagogia da infância e da adolescência, e um sistema de educação universal e integral englobando toda a mentalidade individual, desde a existência fetal até a morte. Comte também elaborou um

quadro das funções cerebrais humanas e tentou sistematizar os sentimentos, que seriam de dez tipos principais, dos quais sete seriam egoístas (instinto nutritivo, instinto sexual, instinto materno, instinto militar, instinto industrial, orgulho e vaidade) e apenas três seriam altruístas (apego, bondade e veneração), sendo aqueles preponderantes no sexo masculino, e estes, no sexo feminino (Cf. Comte, 1934, p. 273).

⁹ Em um dos quatro casamentos, a noiva não renegou sua fé católica. Assim, apenas três dos casamentos foram plenamente positivistas: o do Dr. Robinet com Mélanie de Lanneau, o de Jean Bazalgette com Mathilde Lambrey e o de Pierre Fili com Isabelle Beauducot (Cf. Wartelle, 2001, p. 103).

¹⁰ Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927) eram estudantes da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Assim como Comte no início do século XIX, ambos foram expulsos por assinarem um manifesto de teor republicano, após o que seguiram para Paris com o objetivo de concluírem os estudos na École Polytechnique em que Comte estudara – sem se formar – e depois trabalhara. Lemos e Mendes também não concluíram os estudos, mas aproveitaram a estada para aproximarem-se dos meios positivistas franceses. Inicialmente simpáticos a Émile Littré, seguidor de Comte que com ele rompeu quando do início da relação deste com Clotilde de Vaux, depois Lemos e Mendes se aproximaram de Pierre Laffitte, o principal continuador da propaganda da vertente ortodoxa do positivismo comtiano.

¹¹ Nesse sentido, em 1893 Miguel Lemos publicou um folheto intitulado “Contra o divórcio”, seguido pouco depois por Teixeira Mendes com o folheto “Exame da questão do divórcio”, ambos editados pela IPB. Mais tarde, em 1908, Teixeira Mendes publicou o folheto “A mulher – sua preeminência social e moral, segundo os ensinamentos da verdadeira ciência positiva”, seguido em 1912 pelo folheto intitulado “O respeito à pudicícia e à delicadeza femininas, à liberdade espiritual, ao prestígio da função médica, ao decoro do poder temporal e à dignidade do público” (Cf. Leal e Pezat, 1996).

¹² Mais tarde, em carta que escreveu a Teixeira Mendes em 10 de agosto de 1920, Torres Gonçalves atribuiu o suicídio do pai, aos 49 anos de idade, à “ausência de uma em que amparar-se”.

¹³ Em carta que escreveu a Miguel Lemos em 28 de fevereiro de 1903, Torres Gonçalves rememorou os seus tempos de aluno dos padres jesuítas: “Em menino, durante quase três anos, de princípio de 1888 a fins de 1890, fui aluno externo do importante colégio de jesuítas da cidade de S. Leopoldo, deste Estado. Aí comecei a conhecer mais de perto as grandes instituições e práticas católicas. Mas então, já profundamente cívico do funesto revolucionarismo que traz convulsionada a sociedade ocidental, jamais nutri por elas a gratidão e o respeito que lhe devemos, e olhava-as com o menosprezo com que elas são hoje olhadas pela massa geral dos

indivíduos, e os sacramentos da confissão e comunhão eu os tomava por mera obediência à minha Mãe e aos meus mestres”. Acerca de suas crenças religiosas, Torres Gonçalves acrescentou naquela mesma missiva: “Eu era, portanto, um deísta a meu modo, como cada deísta o é a seu, e até a minha conversão ao Positivismo jamais deixei de rezar diariamente e mesmo freqüentemente, consistindo já nesse tempo a reza para mim principalmente em votos pelo meu aperfeiçoamento. E posso dizer que também já nessa época eu buscava com ansiedade a abençoada Doutrina que mais tarde havia de dominar a minha existência. Porque é característica a curiosidade e o interesse com que eu lia as obras filosóficas, religiosas e morais que me vinham às mãos, quase todas oriundas do meio metafísico. E se é verdade que nenhuma delas pôde, como é natural, satisfazer as aspirações inconscientes do meu coração, também é verdade que algumas lograram despertar em mim um explicável entusiasmo passageiro. Por último, pouco antes de vir ao conhecimento do Positivismo, eu havia lido algumas obras de Alan Kardec, que, felizmente, nenhuma impressão me deixaram”.

¹⁴ Carta escrita de Buenos Aires por Joaquim a Carlos, em 9 de outubro de 1894, já revela a influência exercida pelo pensamento positivista sobre os irmãos Torres Gonçalves, pois o primeiro encomendava ao segundo o envio da edição feita pelo Apostolado Positivista do Brasil da Geometria analítica de Auguste Comte.

¹⁵ O arquivo da Igreja Positivista do Brasil, no Rio de Janeiro, dispõe de um conjunto de 228 cartas escritas por Carlos Torres Gonçalves para Miguel Lemos e para Teixeira Mendes entre 1899 e 1925, nas quais é possível acompanhar a difusão da vertente religiosa do positivismo no Rio Grande do Sul, sendo fonte fundamental para o estudo da influência exercida pelo ideário comtiano no sul do país. Todas as cartas escritas por Carlos Torres Gonçalves para Miguel Lemos e para Teixeira Mendes citadas neste artigo encontram-se no referido acervo, localizado na rua Benjamin Constant, 74, Rio de Janeiro, sede da IPB.

¹⁶ Esta carta pertence ao arquivo da família Torres Gonçalves, doado à Capela Positivista de Porto Alegre por intermédio do autor deste artigo.

¹⁷ Acerca da influência das idéias de Comte na vida profissional de Carlos Torres Gonçalves, particularmente da filosofia da história do filósofo sobre a política indigenista implementada pelo engenheiro gaúcho à testa da Diretoria de Terras e Colonização do governo estadual, ver minha dissertação de mestrado. Cf. PEZAT, Paulo Ricardo. *Auguste Comte e os fetichistas*: estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-grandense e a política indigenista na República Velha. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

¹⁸ Tal carta, datada de 24 de dezembro de 1901, não foi localizada nos arquivos da IPB, mas é mencionada em outra missiva que Torres Gonçalves escreveu a Miguel Lemos em 28 de fevereiro de 1903.

¹⁹ O artigo VIII das bases de organização da IPB diz que “ao diretor do Apostolado cabe exclusivamente deferir ou indeferir os pedidos de admissão na Igreja, baseando-se essas decisões numa escrupulosa apreciação de cada caso individual”. In: LEMOS, Miguel. *O Apostolado Positivista no Brasil – circular anual (ano de 1891)*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1892, p. III.

²⁰ A relação nominal dos confrades que ingressaram na IPB durante a direção de Miguel Lemos, entre 1881 e 1903, e durante o período subsequente, entre 1903 e 1927, quando o vice-diretor Teixeira Mendes esteve à frente da agremiação, consta do volume *A Igreja Positivista do Brasil na hora da transformação de R. Teixeira Mendes*, publicado pela Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil em 1928.

²¹ Esta e as demais cartas trocadas entre Carlos Torres Gonçalves e sua noiva e futura esposa, bem como com sua mãe e sua filha mais velha, pertencem ao arquivo da família Torres Gonçalves. Quanto à indicação de Carlos Torres Gonçalves para que Dagmar lesse o *Ano sem par* e diversas outras publicações da Igreja Positivista do Brasil, é interessante lembrar outro caso de doutrinação feminina no positivismo ocorrido no Rio Grande do Sul, desenvolvido por Júlio de Castilhos através do programa de leituras por ele recomendado à sua esposa Honorina, nas cartas que lhe escreveu quando ainda eram noivos. Cf. Castilhos (1993).

²² Nesta obra, o autor criou uma personagem ficcional chamada Branca, jovem meiga que tivera a desventura de ver seu namorado morrer muito cedo, o que a levou a questionar a existência de Deus. Ela teria sido levada por um amigo ao Templo da Humanidade, sede da IPB, em 2 de agosto de 1900, data em que efetivamente se realizou o casamento de Mário Barboza Carneiro e Maria Teodora de Berredo Carneiro, celebrado por Teixeira Mendes. Comovida pelas palavras do vice-diretor da IPB e pelas imagens existentes no prédio, a personagem acaba por se converter à religião da Humanidade (Cf. Bandeira, 1901, p. 54-55).

²³ As restrições mencionadas estariam condensadas nos seguintes juramentos: “1 – Reconheceis que o casamento tem por verdadeiro destino o aperfeiçoamento mútuo dos dois sexos mediante o surto pleno dos pendores altruístas e a purificação cada vez mais completa dos instintos egoístas, a renovação de nossa espécie sendo aí meramente acessória? 2 – Reconheceis que para satisfazer a este destino a união conjugal deve ser exclusiva e indissolúvel, mesmo pela morte? 3 – Prometeis, de acordo com estas convicções, conservar à vossa união um caráter inteiramente fraternal durante o trimestre que se seguir à consagração civil e preceder o casamento religioso, apesar da liberdade legal de uma completa intimidade?”. (Cf. documento existente no acervo da Capela Positivista de Porto Alegre).

²⁴ Acerca dos aspectos envolvidos nesta “escrita de si”, ver o artigo de Ângela de Castro Gomes (2004). Cabe notar que a preservação dessas cartas coube à destinatária e depois aos filhos de Torres Gonçalves, dessa forma consolidando uma

imagem idealizada de si construída pelo próprio missivista (Cf. Bourdieu, p. 181-183).

²⁵ Acerca das relações entre o positivismo comtiano, o castilhismo e a situação da mulher durante a República Velha no Rio Grande do Sul, ver LEAL, Elisabete da Costa. O positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a moral e a mulher (1891-1913). 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996 (dissertação de mestrado em História). ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário* (1889-1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

²⁶ As intervenções públicas de Torres Gonçalves acerca da família e da mulher foram analisadas no capítulo 3 de minha tese de doutorado (Cf. Pezat, 2003). A título de ilustração, registro o interessante folheto que ele e Faria Santos publicaram em 1933, no âmbito das discussões travadas pela Assembleia Nacional Constituinte, intitulado “Em defesa de delicadíssimas condições da instituição da família – a propósito da denominada ‘prophilaxia do aborto’” (Cf. Gonçalves, Santos, 1933).

²⁷ Segundo informação oral transmitida pelos filhos de Carlos e Dagmar Torres Gonçalves, boa parte da documentação familiar foi destruída após a morte de ambos, restando principalmente as cartas escritas pelo pai, o que é emblemático da influência que ele exerceu sobre sua família.

Referências

ALONSO, Ângela. De positivismo e de positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. *Bib – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 42, 2º semestre de 1996, p. 109-134.

ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. *La doctrine de l'éducation universelle dans la philosophie d'Auguste Comte*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957, 2 tomes.

BANDEIRA, Alípio. *Um casamento positivista no ano de 112 (1900 da era cristã)*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1901.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 34-59.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 183-191.

CAPURRO, Raquel. *Le positivisme est un culte des morts: Auguste Comte*. Paris: Éditions EPEL, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. O positivismo brasileiro e a importação de idéias. In: LEAL, Elisabete; GRAEBIN, Cleusa (orgs.). *Revistando o positivismo*. Canoas: Editora La Salle, 1998, p. 13-27.

CASTILHOS, Júlio de. *Cartas de Júlio de Castilhos*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1993.

COMTE, Auguste. *Système de politique positive ou Traité de sociologie instituant la Religion de l'Humanité*. Paris: Carilian-Goeury, 1851-1854, 4 tomos.

COMTE, Augusto. *Cartas filosóficas sobre a comemoração social, o batismo cristão e o casamento*. Porto Alegre: Igreja Positivista do Brasil, 1912.

COMTE, Augusto. *Catecismo Positivista ou sumária exposição da religião universal, em treze conferência entre uma mulhêr e um sacerdote da Humanidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1934 (tradução de Miguel Lemos).

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Carlos Torres; SANTOS, João Luiz de Faria. *Em defesa de delicadíssimas condições da instituição da família* – a propósito da denominada “profilaxia do aborto” em projecto. Rio de Janeiro: IPB, 1933.

GOUHIER, Henri. *La vie d'Auguste Comte*. 2 ed. Paris: Vrin, 1997.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

KOFMAN, Sarah. *Aberrations: le devenir-femme d'Auguste Comte*. Paris: Aubier-Flammariion, 1978.

LEAL, Elisabete da Costa; PEZAT, Paulo Ricardo. *Capela Positivista de Porto Alegre*: acervo bibliográfico, documental e iconográfico. Porto Alegre: Fumproarte/PPG-História da UFRGS, 1996.

LEAL, Elisabete da Costa. *O positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a moral e a mulher (1891-1913)*. Porto Alegre: 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

LEMOS, Miguel. *O projecto do casamento civil*. Rio de Janeiro: IPB, 1884.

LEMOS, Miguel. *O casamento misto e o positivismo*. Rio de Janeiro: IPB, 1885.

LEMOS, Miguel; MENDES, Raimundo Teixeira. *Bases de uma constituição política ditatorial federativa para a República brasileira*. Rio de Janeiro: IPB, 1890.

MENDES, R. Teixeira. *Culto positivista* – indicação das primeiras celebrações positivistas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1881.

_____. *O ano sem par (abril de 1845 a abril de 1846)* – ou meditação religiosa da incomparável União à qual os fundadores do Positivismo, Augusto Comte e Clotilde de Vaux, deverão o preenchimento da sua missão. Rio de Janeiro: IPB, 1900.

PETIT, Annie; BENSUADE, Bernadette. Le féminisme militant d'un Auguste phalocrate. *Revue Philosophique*, Paris, n. 3, 1976, p. 293-311.

PEZAT, Paulo Ricardo. *Auguste Comte e os feticistas*: estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-grandense e a política indigenista na República Velha. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

PEZAT, Paulo Ricardo. *Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade*: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1875-1974). 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

WARTELLE, Jean-Claude. *L'héritage d'Auguste Comte*: histoire de l'Église Positiviste (1849-1946). Paris: L'Harmattan, 2001.